

Infâmia! (MARIANA QUEIROZ BARBOZA)

O ATAQUE com armas químicas na Síria alcançou um patamar de perversidade que rompe as fronteiras da civilização. De todos os horrores perpetrados pelo homem contra o seu semelhante, nada é mais abominável, incompreensível e inominável do que matar crianças. A praga da perversidade, que de tempos em tempos se manifestava sob diversos ardis, desta vez desabou sobre a Síria, na forma de bombas químicas arremessadas contra civis. Morreram asfixiadas 1,3 mil pessoas. Talvez muito mais. Entre elas, meninos e meninas. Centenas deles. O que dizer sobre os corpos enfileirados no passeio público, cobertos por mortalhas brancas, sem sinais aparentes de violência? O que dizer sobre as faces enrijecidas, expostas em plena rua, a não ser que são imagens que demoram para desaparecer da memória? O ataque na Síria alcançou um patamar de maldade que rompe as fronteiras da civilização. É a barbárie pura e simples, suscitada pelas mãos ignominiosas dos monstros que lançaram as armas químicas.



BARBÁRIE - Crianças vítimas do massacre: estima-se que mais de 1,3 mil pessoas morreram asfixiadas. Quem cometeu o massacre? Denúncias de um ataque químico – o maior desde o início da guerra civil – no subúrbio de Damasco elevam a violência a outro patamar na Síria. O presidente Bashar al-Assad é o principal suspeito

Nos últimos dois anos, a guerra civil na Síria provocou a morte de 100 mil pessoas. Apenas na semana passada, 1,3 mil vítimas foram adicionadas a essa contagem macabra. Desta vez, porém, a história é diferente. Segundo a oposição síria, o subúrbio da capital Damasco foi alvo, na madrugada da quarta-feira 21, de um ataque químico coordenado pelas forças do regime do ditador Bashar al-Assad. Se comprovada a denúncia, uma intervenção militar do Ocidente será tão necessária quanto inevitável. Há um ano, o presidente americano Barack Obama estabeleceu o uso de armas químicas como uma

“linha vermelha” que mudaria seus cálculos em relação ao conflito. Logo após as notícias do horror, inspetores da Organização das Nações Unidas foram enviados à Síria para decifrar as circunstâncias da tragédia. O papel dos agentes da ONU é ingrato. Para chegar ao local do atentado, a 15 minutos de carro do hotel em que estão hospedados, de acordo com o jornal “The New York Times”, eles precisam da autorização do governo, que tem se mostrado pouco disposto a colaborar, e trabalham com um prazo limitado para chegar a uma investigação conclusiva. Só neste ano, há ao menos outros cinco relatos de usos de armas químicas no país, em que o Exército e os rebeldes se acusam mutuamente de serem os autores. Quem, afinal, responderá por mais essa barbárie?



ARMADOS - Rebeldes contra o governo Assad: eles também têm um longo histórico de violência

Dezenas de vídeos que circularam pela internet mostram a destruição causada pelas armas químicas em Damasco. Devido às barreiras que o governo sírio impõe a jornalistas, é difícil comprovar sua autenticidade. Nem por isso as imagens são menos impressionantes. Em um dos vídeos, homens socorrem pessoas desesperadas, com narizes e bocas cobertos por panos, enquanto outras parecem estar em convulsão. Ao lado delas, e em toda parte, corpos inertes. Entre eles, muitas crianças e mulheres. Em outro vídeo, aparecem centenas de cadáveres sem qualquer ferimento, um indício inequívoco de que a morte teria sido provocada por gases letais. Embora o Exército e o governo sírio neguem a autoria do ataque contra seu próprio povo, é pouco provável que a ação tenha sido articulada por outro grupo. Não porque os rebeldes sejam menos sanguinários. Para Jeffrey White, especialista em Síria do centro de pesquisas Washington Institute, o atentado no meio da noite foi bem executado e falta aos rebeldes capacidade para organizar um ato dessa dimensão. Além disso, as áreas atingidas, majoritariamente muçulmanas sunitas, são locais onde o regime luta, sem muito sucesso, para retomar o controle. Assad, que mantém certo apoio entre os cristãos, é muçulmano alaúita, uma minoria dentro da população do país. “O presidente sírio não está nem aí para as ameaças dos Estados Unidos e da Europa e pode ter usado o atentado para mostrar seu poder”, disse White à ISTOÉ. “Esse seria um passo para a escalada da violência contra os sunitas e estabeleceria um novo nível de tirania.”



TIRANO - Segundo especialistas, o presidente Assad não está preocupado com uma possível intervenção ocidental

O agravamento do cenário acontece num momento em que Assad parece estar vencendo a guerra civil. Em junho, as tropas leais ao ditador recuperaram a cidade estratégica de Qusayr, na fronteira com o Líbano, e o regime se fortaleceu na medida em que a oposição se dividiu. Os guerrilheiros do Exército Livre da Síria, por exemplo, se distanciaram de seus aliados da Al Qaeda depois do assassinato de um comandante. Ao mesmo tempo, China e Rússia, que têm assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, mantiveram-se ao lado de Assad em fóruns multilaterais e vetaram todas as resoluções contra o país. O apoio, que também vem do Irã, foi importante quando, há um ano, muitos analistas davam como certa a queda do presidente. Naquela época, o núcleo duro de Assad havia sofrido um golpe

com o bombardeio à sede da Segurança Nacional, que matou, entre outros membros do governo, o ministro da Defesa e o vice-presidente, cunhado do ditador.



FUGA - Milhares de refugiados sírios enfrentam o deserto para escapar do país

Na semana passada, depois de uma reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU, o ministro das Relações Exteriores da França, Laurent Fabius, defendeu o uso da força pela comunidade internacional no conflito. Os russos endossaram os pedidos de investigação do atentado, mas por acreditarem que seja uma "provocação premeditada" da oposição para chamar a atenção das Nações Unidas. Mais pressionados estão os Estados Unidos. "Chegou o momento de uma intervenção, mas não deve acontecer tão cedo, porque Obama não está interessado nisso", afirma Jeffrey White. "É ultrajante a situação da população síria, que é totalmente incapaz de se proteger de armas químicas." Na quinta-feira 22, o porta-voz do Departamento de Estado americano, Jen Psaki, disse que a orientação de Obama à inteligência é reunir urgentemente informações sobre o ataque. Até lá, os sírios continuarão a viver sob um Estado que desconhece o valor dos direitos humanos.



**MAI
2013**

Rebeldes sírios se engajam num confronto com Israel nas Colinas de Golan. O líder da Al Qaeda convoca os muçulmanos sunitas a se unirem contra o governo Assad

**AGO
2013**

Três dias depois de um grupo de inspetores da ONU chegar a Damasco, a periferia da cidade é atingida por armas químicas. Ao menos, 1,3 mil pessoas morrem



**MAR
2011**

GUERRA CIVIL

O histórico do conflito que já dura dois anos

Protestos contra o regime de Bashar al-Assad em várias cidades são violentamente reprimidos pelo Estado, o que dá início a uma série de sanções do Ocidente

**NOV
2011**

Opositores atacam uma base militar próxima à capital e simpatizantes de Assad retaliam contra embaixadas estrangeiras. A Liga Árabe impõe sanções ao país

**FEV
2012**

Relatório da ONU contabiliza 7,5 mil mortos desde o início do conflito, enquanto, no Conselho de Segurança, Rússia e China vetam uma resolução contra o país

**JUL
2012**

O cunhado do presidente sírio e o ministro da Defesa estão entre os mortos num bombardeio à sede da Segurança Nacional. A ONU pede que Assad renuncie

**OUT
2012**

O conflito chega à fronteira com a Turquia e mata cinco civis. Os turcos revidam e interceptam um avião sírio. Internamente, ataques interrompem um cessar-fogo

Qual é o número ideal de deputados federais? (MURILO RONCOLATO)

Existe uma forma mais justa de organizar a Câmara de Deputados?



Crédito: Agência O Globo

HOJE, a Câmara tem 513 deputados oriundos de 27 unidades federativas. Cada uma delas tem direito de eleger uma quantidade de parlamentares baseado no tamanho da sua população, sendo que o número máximo de deputados por estado é 70. Como São Paulo é o estado mais populoso, em vez dos mais de 110 parlamentares de que teria direito, ele fica com 70 e as cadeiras excedentes dessa conta são dadas para aqueles que não atingiram o mínimo, de oito, como Acre, Rondônia, Roraima, Amapá e Tocantins.

Em abril, o plenário do Tribunal Superior Eleitoral acatou o pedido do Amazonas de redefinição do número de deputados federais por unidade federativa a partir dos números demográficos atualizados do último Censo, o de 2010. O TSE acertou mudanças que aumentaram quatro cadeiras para o Pará (de 17 para 21), por um lado, e tiram duas dos Estados da Paraíba (12 para 10) e do Piauí (10 para 8). Além disso, Ceará e Minas Gerais ganham dois assentos (22 para 24; e 53 para 55), enquanto Amazonas e Santa Catarina ganham um deputado cada (8 para 9; e 16 para 17). Quem perde um representante no Congresso é Pernambuco (vai para 24), Paraná (29), Rio de Janeiro (45), Espírito Santo (9), Alagoas (8) e Rio Grande do Sul (30). O TSE explica o cálculo: "Calcula-se inicialmente o Quociente Populacional Nacional (QPN) mediante a divisão da população do país apurada no Censo 2010 pelo número de cadeiras de deputados federais; em seguida, divide-se a população de cada unidade da Federação pelo QPN, originando o Quociente Populacional Estadual (QPE)". O cálculo mantém as regras constitucionais de limite de 70 e mínimo de 8 por Estado.

Assim, tem-se que o quociente populacional nacional é 371.843,66. Aplicado ao Estado baiano, como exemplo, o cálculo do quociente populacional estadual, a divisão entre 14.016.906 (população da BA) por 371.843,66 (QPN), daria 37. A fórmula, no entanto, só completa 496 das cadeiras, as restantes (17) serão distribuídas entre os 18 Estados intermediários (nem os com máximo, no caso, apenas São Paulo; nem os com mínimo de oito). Para essa distribuição, baseada em uma analogia ao artigo do Código Eleitoral sobre quociente partidário, divide-se a população pelo número de assentos conquistados inicialmente e soma-se um, é a chamada "maior média". As cadeiras vão sendo sucessivamente distribuídas de acordo com as maiores notas.



Crédito: Agência Brasil

O cientista político Humberto Dantas vê como principal consequência da mudança a queda brusca do número de deputados estaduais, já que a quantidade por estado é definida a partir de uma fórmula condicionada ao número de deputados federais que cada unidade federativa possui. A fórmula diz que estados com até 12 deputados estaduais devem multiplicar esse número três para chegar ao número de representantes da Assembleia. Os que passam 12, devem somar o número excedente aos 36 de base (ou fazer o truque de apenas somar 24 ao número de deputados federais). Exemplo: São Paulo tem 70 deputados federais, $70 - 12$ resulta em 58, que somado a 36 dá 94 deputados estaduais ($70 + 24$). Assim, o mínimo de parlamentares estaduais é 24 (3 multiplicado por 8) e o máximo é de 94.

“Com o novo cálculo, o país perde 10 cadeiras estaduais. Estados com mais de 12 deputados federais que perderem apenas um, perderão um deputado estadual. Os estados menores, que tiverem menos de 12 federais perderão bem mais”, comenta Dantas. O Piauí, por exemplo, tinha 10 deputados federais e 30 estaduais, ao ter seu máximo de eleitos diminuído para 8 (dois a menos), o número de estaduais cai para 24 (seis a menos). Ou seja, estados com menos de 12 acabam sendo mais afetados.

Injustiça nos cálculos?

Para alguns a fórmula atual é vista como um problema. Na última semana o engenheiro Plínio Castrucci, publicou na Folha de S. Paulo sua proposta de reorganização da Câmara dos Deputados, reduzindo seu número de parlamentares a pouco mais de 380. Seu objetivo era sanar o fato de São Paulo ter menos deputados do que, proporcionalmente, sua população teria direito. A proposta entra na fila atrás de tantas outras que arriscam dar soluções mais “justas” para o sistema representativo do país (uma discussão antiga). Mas, assim como as demais, enfrenta oposição de quem acha que política não é uma questão de matemática.

A alegada injustiça do modelo é permitir que um estado pequeno como Roraima, com uma população de 425 mil habitantes (todos os dados são do Censo 2010), tenha uma representação de 1 deputado para cada 53 mil roraimenses, e, ao mesmo tempo, São Paulo, com 39 milhões de habitantes, tenha 1 deputado para cada 570 mil paulistas. Contra isso, Plínio Castrucci traçou a relação entre o número de deputados e de habitantes de São Paulo (70 dividido por $39.924.091$) e chegou ao resultado 1,75 (deputado/milhão de habitantes). Com isso, multiplicou o número pelo total de habitantes de cada unidade da federação, a fim de obter a quantidade relativa de cada um. O resultado está abaixo:

Estados com mais de 8 deputados

SP fica com 70

MG cairia de 53 para 34

RJ cairia de 46 para 27

BA cairia de 39 para 24

RS cairia de 31 para 18

PR cairia de 30 para 18

PE cairia de 25 para 15

CE cairia de 22 para 15

MA cairia de 18 para 11

GO cairia de 17 para 10

PA cairia de 17 para 13

SC cairia de 16 para 11

Estados com menos de 8 deputados

PB cairia de 12 para 7

ES cairia de 10 para 7

PI cairia de 10 para 5

AL cairia de 9 para 5

AC cairia de 8 para 1

AM cairia de 8 para 7

AP cairia de 8 para 1

DF cairia de 8 para 5

MS cairia de 8 para 5

MT cairia de 8 para 5

RN cairia de 8 para 5

RO cairia de 8 para 3

RR cairia de 8 para 1

SE cairia de 8 para 4

TO cairia de 8 para 3

Sem respeitar o mínimo determinado pela Constituição, o número de deputados cairia para 330. Para completar as cadeiras dos Estados com menos de 8 deputados seriam necessários mais 56 posições, o que totalizaria o número de parlamentares em 386, uma redução de 127 representantes em comparação com os 513 atuais. A diminuição do número total, segundo Castrucci, seria legítima, já que a Lei Complementar nº 78, publicada em 1993, determina que o número de deputados não deveria ultrapassar 513. O número foi um acréscimo de 26 em relação aos 487 anteriores (vigentes desde 1986) em razão da criação do Estado de Tocantins (oito deputados), da transformação dos então territórios do Amapá e de Roraima em Estados (dando 4 deputados a mais para cada um, chegando assim ao mínimo de oito), e de uma tentativa de diminuir a desproporcionalidade com São Paulo, dando a ele 10 deputados a mais.



Crédito: Agência Brasil

"O número de parlamentares deveria estar em torno disso, além de ser caro, 513 é uma quantidade que perturba a proporcionalidade, e em vez de ajudar no cumprimento da lei, prejudica", diz Castrucci. "Acho assombroso que um erro desses tenha sido feito há 20 anos (referência à Lei Complementar que regulamenta o artigo nº 45 da Constituição) e ninguém tenha protestado. Agora, com a possibilidade de reforma política e adesão ao voto distrital, esse novo cálculo com base mais proporcional se faz necessário, é o momento de deixar isso no ar, apesar do caráter retórico do gráfico que fiz", diz o engenheiro que esclarece que mesmo a sua proposta não expõe uma solução que julgue ideal.

Para o cientista político Humberto Dantas, não se trata apenas de cumprir a proporcionalidade. "Política não é fórmula, é uma ciência humana. As desproporções atuais só afetam São Paulo que é o Estado mais rico, mais populoso e mais representado do país. Sorte de quem é paulista e azar de quem é do Acre?", argumenta. Dantas é contrário à ideia de diminuir o número de representantes na Câmara, mas faz ressalvas quanto à casa legislativa vizinha. "O brasileiro associa a vida do deputado ao gasto. É tosco pensar assim. Um país em que representação de menos, é mais, é porque alguma coisa em termos de democracia está sensivelmente errado". Para Dantas, é possível discutir a conta de gastos, mas discutir a representação em um país onde só os ricos se elegem por conta financiamento de campanha é absurdo.

"A Câmara são os representantes do povo. O que se deveria diminuir no país é o número de senadores, eleitos em número igual por Estado. Precisamos de no máximo dois", afirma o cientista político, lembrando que o terceiro senador foi uma invenção do governo militar. "Era o senador biônico, eleito indiretamente por um colégio eleitoral, o objetivo era equilibrar o avanço do MDB na época. Na eleição que houve depois do famoso Pacote de Abril de 1977, dos 25 biônicos eleitos, 24 eram da Arena. A Emenda Constitucional nº 15 de 1980 extinguiu o biônico, mas manteve o cargo. É uma bizarrice isso existir ainda. Tirando o terceiro, ficaríamos com 54 senadores, número muito razoável e honesto com a história do Brasil."

"É impossível saber exatamente por que as regras são como são hoje em dia. A decisão metodológica é acima de tudo, humana. O sistema representativo sofreu mudanças baseadas em fundamentos históricos, como no caso do governo de Vargas e no período da ditadura militar", diz Dantas. "Não adianta criar uma fórmula e querer mudar tudo porque acha que assim vai ser melhor, bem provável que não venha a ser".

MURILO RONCOLATO é jornalista e escreve, periodicamente, para esta publicação. **Revista GALILEU, Agosto de 2013.**

"Em um Mundo Melhor" (LUIZ FELIPE PONDÉ)

É POSSÍVEL um mundo melhor? Sim e não. Sim, é possível um mundo melhor a começar por melhores remédios, casas, escolas, hospitais, aviões, democracia (ainda acredito nela, apesar de ficar de bode às vezes).

Não, não é possível um mundo melhor porque algumas coisas não mudam, como o caráter humano, suas mentiras e vaidades, sua violência, mesmo que travestida de civilidade, nossas inseguranças, nossa miséria física e mental, nossa hipocrisia. Nossas ambivalências sem cura. Os valores são incomensuráveis. Você até pode achar que na vida vale mais a pena "ser" do que "ter", mas isso pode ser apenas um modo infantil de ver as coisas: não há "ser" sem o "ter" que sustenta tudo.

A famosa frase "que vão os anéis e fiquem os dedos" às vezes mais parece ser bem o contrário, "que vão dedos e fiquem os anéis", porque os diamantes são eternos, e os dedos, não. Resumindo: mesmo a tecnologia e a ciência, grandes fatores positivos, podem ser elas mesmas terríveis. Não é outro o sentido de se perguntar "como educar depois de Auschwitz?", como se pergunta o filósofo Theodor Adorno. Mesmo a democracia pode virar coisa de "black blocs" ou demagogos que juram confiar na "sabedoria popular". E isso dá bode. Recentemente revi o filme "Em um Mundo Melhor", de Susanne Bier, de 2010. Trata-se de um filme bastante didático, bom para escolas. Um médico sueco trabalha em algum lugar infeliz da África, enquanto sua família derrete na Dinamarca onde mora.

Seu filho é objeto de bullying (chamam-no de "rato" pelo dentes feios que tem e esvaziam o pneu da sua bicicleta o tempo todo). Ele nunca reage. É tímido e tem medo dos mais fortes. Sabe que se reagisse apanharia mais. Muitas vezes, a essência da coragem é perder o medo de sofrer além do que já se sofre. A verdade da coragem não é querer vencer, mas perder o medo de perder tudo que se tem. Escolas de crianças são um escândalo. Um depósito de violência de todo tipo. Um lugar especialmente indicado se quisermos duvidar da existência de Deus usando o famoso argumento a partir do mal ("argument from evil", como dizem os filósofos da religião americanos): se Deus existe e é bom e todo-poderoso, como o mundo pode ser mau como obviamente é?

Há todo tipo de resposta para isso, e elas compõem o que em teologia se chama "teodiceia". Qual é o sentido de ser bom na vida? Há garantias de que o bem compensa? Não, não há, nenhuma. Eu concordo com o filósofo Isaiah Berlin: não há teodiceia possível. Os valores são incomensuráveis entre culturas, pessoas, épocas históricas. Qualquer utopia não passa de um surto infantil projetado sobre o mundo. Não vai mais longe do que uma história de Branca de Neve.

Voltando ao filme. O médico é contra violência física. E vive isso de modo corajoso, não se pode negar. A vida que leva na África é prova de seu caráter. Enfrenta um sujeito que bate na sua cara na Dinamarca, quando está visitando sua mulher e filhos, de modo digno, revelando a estupidez que está por trás do brutamontes idiota. Ela quer o divórcio porque se sente

sozinha, é óbvio, e, aparentemente, além de deixá-la sozinha, ele andou comendo alguém por aí... Santo, mas nem tanto... Você pode salvar o mundo enterrando sua família. Olha aí a incomensurabilidade de que fala Berlin.

Ao final, seu princípio de não violência é testado na África e ele perceberá que para tudo existe um basta, e às vezes a violência é tudo que resta. Os pacifistas são também gente infantil. Mas onde está esse mundo melhor no filme? A vida em casa degrading. O filho humilhado encontra um amigo que o protege na escola. Um menino corajoso, decidido e violento, que se move no mundo de modo oposto aos princípios do médico.

Na verdade, o menino é um desesperado, solitário, que acaba de perder a mãe de câncer, num processo doloroso que sutilmente o filme parece indicar ter chegado à eutanásia. O mundo melhor parece ser aquele no qual as pessoas podem errar, pedir perdão e ser perdoadas. Um mundo melhor não é um mundo sem violência ou ambivalência, mas um mundo onde existe o perdão.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, nihilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, "Contra um mundo melhor" (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

Tutela on-line (ROSELY SAYÃO)

A INTERNET já não é mais novidade. Os pais já têm muita informação sobre como os mais novos podem aproveitar bem o uso da rede e sobre como podem se colocar em risco dos mais variados tipos. Mesmo assim, as dúvidas continuam. Ou melhor, permanecem.

Semanalmente sou consultada por pais que querem saber com que idade devem deixar o filho usar mídias sociais e/ou usar a internet sozinho, por quanto tempo eles podem ficar na internet e sobre como controlar o uso da rede para evitar que eles tenham acesso a conteúdos impróprios para a idade. Será que são dúvidas mesmo o que os pais têm? Desconfio que não. Afinal, basta usar a própria rede para encontrar centenas de sites que orientam os pais a esse respeito. Além disso, já usamos a internet o tempo suficiente para termos acumulado uma boa experiência nesse assunto.

Mas, se não se trata de falta de informação, o que é que confunde os pais a ponto de deixá-los inseguros para fazer uma escolha, tomar uma decisão a esse respeito? Os pais não querem ser vistos pelos filhos e por seus pares como caretas. No século 21, agir como um careta soa ofensivo, humilhante, ultrapassado. E como a internet é vista como um instrumento extremamente atual, regrar seu uso para os filhos parece ganhar o sentido de antigo. Careta.

Acontece que é prerrogativa do adulto que tem filho ser careta. Você pode ser antenado com todos os recursos tecnológicos, pode ter uma visão de mundo muito atual, pode entender o mundo como um jovem. Mesmo assim, será considerado careta por seu filho pelo simples fato de ser mãe ou pai. Conheço adolescentes que consideram seus pais caretas justamente por se comportarem como jovens.

Por isso, melhor usar a careta intrínseca a seu papel, caro leitor, para transmitir a seus filhos os valores que você preza. Além disso, sempre é bom lembrar que, para conquistar a autonomia, que é a capacidade de governar a própria vida, é preciso passar, necessariamente, pela heteronomia, ou seja, ser governado por um outro. Melhor que esse outro seja a mãe e/ou o pai, não é verdade?

Os pais temem também que os filhos fiquem à margem de seu grupo e que sejam diferentes porque não frequentam os mesmos sites que os colegas, não jogam os mesmos jogos que eles, não vejam o vídeo do momento etc. Esse temor só faz sentido quando entendemos que para fazer parte de um grupo é preciso se comportar como os demais. Não! Para participar de um grupo é preciso saber integrar-se a ele e para se integrar a qualquer grupo é fundamental o autoconhecimento. Se você autoriza que seu filho faça qualquer coisa só porque a maioria dos colegas faz, você não o ajuda a se conhecer. Sem se conhecer, ele não aprende a se respeitar, e reconhecer as próprias diferenças é absolutamente necessário para manter a identidade e, portanto, a dignidade no relacionamento consigo mesmo e com o outro.

Em resumo: não há regras que levem o seu filho a fazer um bom e positivo uso da internet. Então, restam o uso do bom-senso, a aplicação dos valores familiares e o respeito à fase da vida de seu filho. Crianças e adolescentes precisam da tutela dos pais na vida de um modo geral. O uso da internet é apenas uma pequena parte da vida que demanda essa mesma tutela.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

A inveja dos outros (CONTARDO CALLIGARIS)

ANOS atrás, decidi que, salvo necessidade absoluta, em voo internacional, eu não viajaria mais de classe econômica. Quando não posso pagar pela executiva, é simples: não viajo. A passagem de executiva dá direito ao uso de uma sala de espera confortável, que no Brasil é chamada de sala VIP (sigla de "very important person", pessoa muito importante). Há um quê de idiota na ideia de que alguém se torne importante por pagar uma passagem mais cara que os outros.

Mas o que me interessa agora é o fato de que os passageiros de classe executiva, confortavelmente instalados na sala VIP, poderiam esperar até o fim do embarque da classe econômica; aí eles iriam ao portão já esvaziado e subiriam no avião. Não é o que acontece. Convidados a embarcar antes dos outros, eles entram no avião sob o olhar dos passageiros de classe econômica e ocupam seus assentos espaçosos, situados na parte da frente da aeronave, de forma que os passageiros de econômica, a caminho de suas poltronas-suplício, são obrigados a contemplar o privilégio dos que já estão instalados na executiva.

Por que essa irracionalidade? É que o passageiro de executiva não compra apenas um tratamento mais humano e um espaço compatível com as formas médias de um corpo: ele compra também a experiência (desejável, aparentemente) de ser objeto da inveja dos outros. Numa recente viagem à Europa, eu já estava instalado na executiva, tomando suco e lendo um livro quando uma senhora chinesa, a caminho de seu lugar na econômica, passou do meu lado e espirrou molhada e barulhentosamente em cima da minha cabeça. Por sorte, não era época de gripe aviária. Mas é isto: a inveja é uma mistura de idealização, amor e ódio.

Circulando de madrugada, passo pela entrada de uma balada. Há uma longa fila de espera, há seguranças imponentes e há uma "hostess" que escolhe quem pode entrar. Em Nova York, entram até desconhecidos, se forem bizarros, interessantes e decorativos. Em São Paulo, parece que a lista de clientes VIPs é soberana. Os outros esperam noite adentro, tentando ganhar a simpatia da "hostess". Vale a pena? O que acontecerá se eles forem admitidos? Pois é, será uma noite sensacional: eles tirarão fotos que postarão no Facebook e no Instagram. Em geral, com as fotos, eles esperam receber a mesma inveja que eles destinam aos VIPs: por isso, exibirão poses parecidas com o que eles imaginam que os VIPs (os que entraram na balada há tempos) fazem quando se divertem (loucamente).

E o que fazem os VIPs? Pois é, essa é a parte mais estranha: os VIPs imitam as poses dos que os invejam e imitam, pois, eles constatarem, essas são as poses que mais suscitam inveja. De fato, na balada, muitos, VIPs e mortais comuns, apenas esperam a ressaca de amanhã. Mas, no círculo vicioso da inveja, a experiência efetiva é irrelevante; não é com tal ou tal outra vida e história concretas que se sonha: sonha-se ser o que os outros sonham. A inveja é, por assim dizer, uma emoção abstrata: o privilégio não precisa dar acesso a uma fruição especial da vida (sensual ou espiritual, tanto faz), ele só precisa suscitar inveja. Ou seja, privilégio não é o que faço ou o que acontece de extraordinário em minha vida, mas o olhar invejoso dos outros.

Nesse mundo, em que a inveja é um regulador social, as aparências são decisivas porque elas comandam a inveja dos outros. Por exemplo, o que conta não é "ser feliz", mas parecer invejavelmente feliz. Nesse mundo, o ter é mais importante do que o ser apenas porque, à diferença do ser, o ter pode ser mostrado facilmente. É simples mostrar o brilho de roupas e bugiganga aos olhos dos invejosos. Complicado seria lhes mostrar vestígios de vida interior e pedir que nos invejem por isso. O Facebook é o instrumento perfeito para um mundo em que a inveja é um regulador social. Nele, quase todos mentem, mas circula uma verdade de nossa cultura: o valor social de cada um se confunde com a inveja que ele consegue suscitar.

Comecei a escrever essa coluna depois de assistir a "Bling Ring: A Gangue de Hollywood", de Sofia Coppola (uma tradução por "Bling Ring" seria "A Turma do Deslumbre"). A não ser que outro tema se imponha com força, voltarei a falar sobre o filme. Mas digo já: saí do cinema muito feliz por não ter levado nenhum adolescente comigo (respeitando a indicação para acima de 16 anos).

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

O ativismo da vez é bi (MALU FONTES)

A SEMANA começou com meia dúzia de mano do curíntian em pé de guerra, praticamente pintada para a guerra, na porta de centros de treinamento e nas redes sociais, disposta a tudo para linchar um dos jogadores do timão, Emerson Sheik, por ele ter postado uma foto dando um selinho num amigo. Segundo o próprio Sheik, xingado com todas as ofensas do vocabulário homofóbico pela torcida corintiana, a atitude dupla, ou seja, o beijo no amigo e a publicização da cena através de uma fotografia postada numa rede social, teve como intuito, palavras dele, justamente protestar contra o preconceito e a homofobia. "Tem que ser muito valente para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer", foram as palavras de Sheik.

No mesmo final de semana do beijo anunciado como ativista por Sheik, Preta Gil anunciou que não se sente mais só, desde que Daniela Mercury anunciou o casamento com outra mulher, ao mesmo tempo em que desabafou o quanto sofreu preconceito por sempre ter assumido sua bissexualidade. Não se está falando aqui do fenômeno de sair do armário, mas de personalidades do mundo do entretenimento que, em um volume cada vez maior, vêm se tornando notícias, ou ainda mais noticiadas, por defender a causa da bissexualidade para si mesmas, embora em seguida digam não estarem falando em defesa própria, mas em defesa da sexualidade alheia.

O exemplo mais emblemático talvez tenha sido o do ator da Globo José de Abreu, o Nilo, o sujismundo da novela Avenida Brasil, que, em janeiro deste ano, publicou no twitter, sem que ninguém o perguntasse, que, sim, era bissexual e que ninguém tinha nada a ver com isso. E não teria que ter mesmo. O surreal, no entanto, é que, meses depois, o próprio ator declarou numa longa entrevista que, de saco cheio com o preconceito que vê sendo dirigido aos homossexuais, resolveu assumir falsamente uma bissexualidade que na verdade nunca foi sua.

Os homossexuais agradecem o apoio, mas é bom não perder de vista que, nesse modismo em cujo contexto todos e qualquer um se acham no direito de publicizar falas e performances como se fossem bandeiras de apoio à causa homossexual, as fronteiras entre ativismo e oportunismo podem ir se tornando cada vez mais fluidas ou, pior, podem resvalar para um tiro no pé. O fato de todo mundo dizer-se bi já se tornou até piada: "Todo mundo hoje é bi: bissexual, bipolar ou biscate", diz-se. Até que ponto o beijo orgulhosamente anunciado como bandeira proposital por Sheik contribui para o respeito aos homossexuais, vá saber... Considerando-se as reações dos torcedores, os gays ganharam foi um cavalo de troia, cheio de ofensas dentro.

O outro aspecto dessa moeda é a necessidade que todos que frequentam o mundo da fama têm hoje de ter, dia sim e outro também, um factóide sobre si para continuar surfando nas páginas noticiosas de entretenimento. Se anunciar-se bi como estratégia tá valendo, então, o Sheik que ontem preenchia as páginas por contrabandear carro, criar macaca em cativeiro e falsificar documentos, agora preenche-as porque é o mais novo ativista bi dos últimos dias. Ah, e antes que os comentários neste jornal e as postagens em redes sociais adjetivem a autora deste texto como a pongueira (sic) e oportunista que passou a escrever em jornal depois do casamento com Daniela, não custa ressaltar de novo-outra vez: quem vos escreve não é a Malu esposa de Daniela. Eu sou a outra.

MALU FONTES é jornalista, Doutora em Cultura e professora da FACOM-UFBA e escreve periodicamente para esta publicação. **Jornal CORREIO, Agosto de 2013.**

Marilena Chauí fala sobre o PT (JUVENAL SAVIAN FILHO)

Confira três perguntas respondidas pela pensadora em entrevista publicada na CULT 182



Juvenal Savian Filho – O que você diz sobre as críticas ao governo do PT?

Marilena Chauí - Vamos começar pela questão da moralidade. Quando houve a crise do Mensalão, escrevi um artigo para a página 3 da *Folha de São Paulo* (foi meu último artigo para a *Folha*), em que eu dizia o seguinte: uma visão moralista fala de ética na política. Uma visão efetivamente ética tem que falar em ética da política. A ética na política é a transposição de valores privados para o espaço público; a ética da política é a criação de instituições que tenham valores democráticos e republicanos. Faz mais sentido defender a ética da política, porque se há boa qualidade das instituições, não vai poder haver

corrupção, pois a corrupção decorre das péssimas qualidades das nossas instituições, que não são verdadeiramente republicanas nem verdadeiramente democráticas. Eu dizia, naquele artigo, algo que tenho dito desde 1994: que era necessário fazer uma reforma política. Nós herdamos da ditadura o pacote de abril de 1975 do general Golbery (do Couto e Silva). Esse pacote, que transformou os territórios em estados, dividiu o Mato Grosso, dividiu o Piauí, o Pará, enfim, rearrumou o país, tinha como finalidade garantir a maioria para a ARENA e impedir a ação política do MDB. Dessa decisão vieram os casuísmos, o sistema eleitoral e a forma completamente absurda da representação dos estados que não leva em conta a densidade demográfica de cada estado da federação. Um dos articulistas da *Folha* respondeu, dizendo que eu era fisiológica com relação ao PT e que eu era uma comadre do governo. Nunca mais escrevi na *Folha*. Então, desde 1994 e 2004 eu bato na tecla da reforma política. Por outro lado, me chamar de fisiológica é muito engraçado, porque nunca tive cargo no partido. Ocupei a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo no governo da Erundina (aliás, eu havia recusado,

explicando a ela que não podia, não devia nem queria o cargo; mas ela foi mais persuasiva...). Quando me perguntam: "Você tem uma ideia do que poderia ser o inferno?", digo: "Sim. A Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo". Essa experiência foi para mim uma violência metafísica. Não tenho cargo em governos. Não tenho cargos no PT. Não represento nenhum político de coisa nenhuma. Eu sou fisiológica no quê? Isso é o que eu chamo de abominação cognitiva, que significa ausência de análise e uso de uma expressão qualquer que não designa realidade nenhuma. Quer dizer, fisiológica no quê? Nas surras políticas que eu levo? Porque o que eu apanho por ser petista e defender o PT e o governo não está no gibí! Já me chamaram de tudo. Só não fui chamada de santa, querubim e duende. Então, é fisiologismo que eu tenha princípios políticos e que os defenda como tais? A minha questão com relação à moralidade é: o sistema gerado pelo general Golbery, que organiza os sistemas partidário e eleitoral, impede que qualquer governante eleito para o poder executivo possa governar só com o seu partido e o obriga a fazer coalizões que destroem a estrutura partidária, os programas e metas, levando a uma perda de identidade. O exemplo que eu costumo dar é o caso da Luiza Erundina. Era um governo do PT e do PCDoB. Só. Não tinha coalizões nem "base aliada". Mas, quando ela deixou a Prefeitura, haviam ficado parados na Câmara Municipal 325 projetos de lei, a tarifa zero não passou, e uma série de propostas que foram votadas não foram aprovadas. Alguns políticos influentes pagavam os vereadores. Eu não vou dizer o nome deles, mas vou contar um episódio: quando Erundina apresentou seu primeiro projeto, o José Eduardo Martins Cardoso (atual ministro da Justiça), que era o chefe de gabinete, foi negociar com os vereadores. Havia um vereador, tradicional na casa, que falava pelos outros... Ele fez a seguinte pergunta: "Mas, secretário, o senhor não trouxe a maleta?". O secretário disse: "Qual maleta?". Ele falou: "A maleta para a gente negociar. Tem um cara aí que já ofereceu para cada um de nós 10 mil dólares. A prefeita cobre?". Evidentemente, como a prefeita não "cobria", tivemos 325 projetos de lei que não foram discutidos nem votados. Nós governamos com a cara e a coragem. Ela não conseguiu nenhum empréstimo federal, nenhum empréstimo estadual e bloquearam os pedidos de empréstimos internacionais. Ela governou com os impostos de uma prefeitura que tinha sido quebrada pelo Jânio Quadros. O atual sistema partidário e eleitoral faz com que nenhum eleito para o executivo disponha de maioria no legislativo. Ora, a maioria de projetos e programas precisa de um legislativo que os aprove. Com o sistema atual você é forçado às coalizões. Então, precisamos fazer a reforma política. Mas quando alguém propõe uma Constituinte Específica para isso, o que o PSDB diz? Que é golpe! Ele não quer que mude o sistema político! Vem dizer que a corrupção está do nosso lado quando eles não querem a mudança do sistema político? Além do que, com esses legislativos que estão aí, quem vai fazer a reforma política? Tem de haver uma Constituinte Específica. A arrogância moralista não faz uma análise de por que o sistema partidário e o sistema eleitoral são como são. Por que a classe média não saiu às ruas numa manifestação nacional para derrubar o general Golbery e o Pacote de Abril, já que ela quer a ética na política? Não vi nenhum deles na rua. Não ouvi um só grito da parte deles. E agora eles gritam contra o efeito daquilo que o Golbery fez como se fosse obra do PT. E não querem que eu fale em abominação política e cognitiva?

Um outro aspecto é a crítica que a esquerda também faz ao governo e ao PT. Por que há, por exemplo, tanta crítica do PSTU, do PSOL e de outros partidos de esquerda?

Vou fazer uma distinção entre pensamento mágico e situação efetiva de vários partidos de esquerda. Começo pelo pensamento mágico. Estive em um debate em que uma participante propôs o programa mínimo para os próximos dias: tirar todos os evangélicos dos legislativos, tirar a Dilma, estatizar os bancos, estatizar as empresas multinacionais e aproveitar a crise mundial do capitalismo, que possivelmente é a última. No caso dos mais velhos, porém, o pensamento mágico é irresponsabilidade política. É importantíssimo que a sociedade faça críticas e leve o governo em direção à esquerda. O Lula e a Erundina diziam isso: "Para poder governar eu preciso dos grandes movimentos sociais puxando para a esquerda". Ora, com uma ação e um pensamento mágicos, em vez de você puxar para a esquerda e forçar os governos a ir nessa direção, você levanta uma barreira que faz com que ninguém queira ir na sua direção porque ela é tão absurda, irresponsável e ingênua, que ninguém leva a sério. Passo à questão dos vários partidos de esquerda menores (em termos de número de filiados e de representantes eleitos). Esses partidos não possuem uma base social sólida que lhes dê uma clara representação nacional. Por isso, existem principalmente sob a forma do discurso intempestivo. Se você perguntar qual é a ação política efetiva que eles realizaram ou que estão realizando, e de alcance nacional, não há nenhuma. Se estivéssemos numa ditadura e eles não pudessem agir, eu calaria minha boca imediatamente. Mas nós estamos numa democracia; portanto, eles podem agir. Mas sua ação é pontual, fragmentada e tem a finalidade (justa e necessária) de marcar presença. Por que isso? Porque é a única forma de aparecer no cenário nacional. Se você tomar os meios de comunicação, vai ver uma coisa interessantíssima. Quando, em termos eleitorais, se achou que Heloísa Helena tinha alguma possibilidade de impedir a eleição da Dilma, os meios de comunicação a promoveram de todas as maneiras, até o instante em que ela fez bobagem, porque ela é despolitizada. Passaram então para Marina. Tentaram usá-la. E quando perceberam que a Marina não ia dar conta, a abandonaram também. Então, há uma espécie de exército político de esquerda que funciona como um exército de reserva que as oposições e a mídia instrumentalizam e, depois de usar, esvaziam.

Como você vê o elogio dos movimentos sociais e das lideranças individuais, feito por alguns intelectuais que defendem a superação do modelo partidário?

Eu acho que falta uma verdadeira análise econômica, uma verdadeira análise de classe e uma verdadeira análise do que seja a democracia. Se você não faz uma análise da forma da propriedade, com base na qual você pode pensar a divisão

social; se não pensa a sociedade como contraditória e conflituosa; e, sobretudo, se não pensa como exercício de poderes tácitos e implícitos, nunca vai poder operar no campo político. Porque vai operar no campo político sob a forma da explosão espontânea disto ou daquilo. Como é que se garante a vida de coletividades inteiras, a vida de um país inteiro, à espera de que aqui e ali, como cogumelo, brote um líder que fale isso, outro que fale aquilo? Mas não é só isso! Quem vai realizar o que deve ser realizado? Eu posso sair pela rua e dizer: "É o seguinte: amanhã não quero latifúndio no Brasil, não quero agronegócio e quero o fechamento dos bancos. Ponto". Aí, eu vou nas redes sociais e conclamo o país para ouvir a minha voz nessa direção. OK. Todo mundo aprova. Mas quem executa? Esses elogios são de uma cegueira muito grave, porque há um universo que é composto pela propriedade, pelas classes sociais e pelas institucionalidades. Como é que se vai operar sem isso? Você pode transformar tudo isso numa outra direção, mas não pode dizer que você vai operar sem isso. Você não está em Atenas! Você não está em Roma! Até Roma virou Império e Atenas teve os 30 tiranos! Eu insisto que precisamos compreender o sistema planetário de controle e vigilância postos pela web e pela internet, no qual o centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma, disseminado numa infinidade de máquinas pelo mundo, formando, como explica Paul Mathias, uma nebulosa informacional amplamente insondável, diversamente organizada, às vezes aberta e disponível, mas frequentemente fechada e secreta. A internet nasce numa infraestrutura econômica que ela mantém invisível, aparecendo como um ambiente universal de informação e comunicação globalmente uniforme. Ora, nossa experiência reticular está circunscrita a um número restrito de programas aplicativos que permitem as múltiplas operações desejadas em um número limitado de gestos previstos e uniformes em todo o planeta, sem que tenhamos a menor ideia do que são e significam os protocolos informáticos que empregamos. Ignoramos os procedimentos operatórios que a criaram e a conservam, as leis de sua formação e configuração, sua arquitetura funcional. Por isso, não é possível celebrar as redes sociais como libertárias em si e por si mesmas, dispensando as mediações políticas.

JUVENAL SAVIAN FILHO é jornalista e escreve para esta publicação. Leia a entrevista completa na CULT 182, já nas bancas. **Revista CULT, Agosto de 2013.**

Sugiro um programa: o "Menos Políticos" (RUTH DE AQUINO)

Os cubanos não sairão em passeata porque, no país deles, isso dá cadeia.

COMO O governo Dilma anunciou estrepitosamente os programas Mais Médicos e Mais Professores para resolver nossas sérias deficiências na Saúde e na Educação, deixo aqui minha contribuição para o PT ganhar votos nas eleições: um programa ambicioso, apoiado em quatro vertentes – Menos Ministros, Menos Senadores, Menos Deputados, Menos Vereadores. Todos agrupados sob uma mesma sigla: MP, de Menos Políticos.

Com esse corte nos supérfluos (os políticos), o Brasil economizaria grana para comprar gaze, maca, termômetro... e também carteiras escolares, quadro-negro, giz... essas coisas sofisticadas que só faltam no Quinto Mundo – no interior e na periferia do Brasil. Também daria para pagar melhor os médicos e os professores, que ganham bem menos que o garçom do Senado. Se fôssemos além e acabássemos com a roubalheira e as mordomias vitalícias dos políticos (e seus parentes), a verba seria tão volumosa que conseguiríamos salvar milhares de pacientes que morrem nas filas. Fila de leito de UTI, fila de remédio, fila de hospital, fila de transferência, fila de ambulância. Acabaríamos com as filas obscenas de pessoas à beira da morte. Não seria uma excelente medida eleitoreira, para figurar na propaganda político-partidária na televisão?

Com o programa Menos Políticos – já que o país funciona muito bem nas férias e nos recessos do Congresso –, nem precisaríamos fazer a maldade de retirar de nossos hermanos 4 mil médicos. Será que não farão falta na ilha? Os médicos importados pelo Brasil são todos ligados ao governo eterno dos irmãos Castro. Somente os socialistas empedernidos têm autorização para vir trabalhar no Brasil. Caso contrário, esse programa poderia se revelar um fiasco.

No ano passado, Cuba registrou o maior êxodo de cidadãos desde 1994: quase 47 mil cubanos deixaram a ilha em 2012. Imagine se alguns desses médicos importados agora resolvem pedir asilo ao governo Dilma. Terão a mesma sorte dos dois jovens boxeadores cubanos nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007. Não queriam voltar para Cuba, foram acusados por Fidel de "traição à pátria", e Lula se livrou deles rapidinho. Deram o azar de não ser italianos. O Brasil abre portas e fundos a refugiados africanos que aproveitaram a Jornada Mundial da Juventude para aqui ficar. Mas os cubanos serão sempre mandados de volta.

Os 4 mil médicos cubanos que devem chegar ao Brasil até o fim do ano atenderão pacientes em lugares chifrins, sem moito e sem qualquer infraestrutura, rejeitados por médicos brasileiros. A iniciativa em si é louvável: colocar médicos para atender populações totalmente desassistidas em 701 cidades do Norte e Nordeste brasileiros.

Não gosto da histeria que produz argumentos burros e demolidos facilmente. Alguns argumentos derivam do corporativismo: "Não queremos médicos estrangeiros". Não dá, não é? Outra alegação ridícula: "Ah, eles não falam português". Como se médicos não pudessem atender pacientes a não ser que falassem o mesmo idioma. Ainda mais se tratando de espanhol. Eles não são russos nem chineses, são cubanos. Revalidar o diploma é importante, embora a gente saiba que há muito médico brasileiro com diploma e sem competência para exercer a profissão.

Os problemas reais são outros. O principal é que, por melhores e mais profissionais que sejam esses médicos cubanos, a presença deles não muda em nada nosso caos cotidiano na Saúde. Sem os apetrechos básicos, sem ambulâncias, sem

leitos, sem remédios e sem condições de realizar exames ou de transferir doentes, o médico de Fidel se perguntará em que roubada os dois governos o meteram. E nada acontecerá, porque ele aprendeu a ser bem-comportado. Não denunciará o governo Dilma nem sairá em passeata, porque no país dele isso dá cadeia. O outro problema entra nos campos trabalhista e moral. O Ministério Público já começou a investigar essa transação esquisita de profissionais da Saúde. Ouvimos que Cuba exporta médicos para dezenas de países e que se trata de um sistema corriqueiro, oficial e nada clandestino. Ok. Mas a transação é esquisita, porque os médicos cubanos ganharão no fim das contas uma merreca.

A coisa funciona assim: os salários deles saem do nosso bolso em forma de impostos, passam pelo Palácio do Planalto em Brasília e acabam no Palácio da Revolução em Havana. O Brasil pagará por médico "uma bolsa mensal de R\$ 10 mil". O grosso será embolsado pela ditadura morena cubana. Os médicos enviados à Venezuela no mesmo esquema recebem cerca de R\$ 550. Em Cuba, um médico ganha entre R\$ 60 e R\$ 100 por mês. Quanto ganhará no Brasil? Se essa exploração não é ilegal pelos padrões de Dilma e dos irmãos Castro, deveria ser imoral. O que é isso, companheiros?

RUTH AQUINO escreve todas as semanas para sua coluna nesta revista. **Revista ÉPOCA, agosto de 2013.**

Parente é pior que chefe (CRISTIANE SEGATTO)

Os relacionamentos estressam mais que o trabalho e o trânsito, revela uma pesquisa inédita no Brasil. Quatro estratégias para lidar com ele

A PSICÓLOGA Marilda Lipp é uma das principais pesquisadoras das causas, consequências e tratamento do estresse no país. Pós-doutora pelo National Institutes of Health, dos Estados Unidos, ela é autora de 22 livros e dirige a clínica privada Centro Psicológico de Controle do Stress (CPCS). Em seu mais recente projeto, Marilda decidiu aplicar no Brasil uma pesquisa on-line, de acordo com o método usado nos EUA pela Associação Americana de Psicologia.

Pela internet, Marilda conseguiu em abril e maio deste ano uma amostra inédita em pesquisas do gênero: 2.195 participantes, de várias regiões e de todos os níveis de renda e escolaridade - de faxineiras a pós-doutores. O resultado, divulgado com exclusividade por esta coluna, foi surpreendente.

Os fatores que atualmente mais estressam os brasileiros:

- 1) Relacionamentos (18%)
- 2) 2) Problemas financeiros (17%)
- 3) 3) Sobrecarga de trabalho (16%)
- 4) 4) Trabalho em si (13%)
- 5) 5) A maneira de pensar do entrevistado (8%)

E o trânsito? A violência? A péssima qualidade de vida nas grandes cidades? Sim, esses ladrões de saúde apareceram entre as respostas espontâneas, mas foram muito menos citados que as dificuldades de relacionamento. A esfera privada, segundo os entrevistados, estressa mais que os fatores relacionados à coletividade. De todos os tipos de relacionamento que provocam estresse, os mais frequentes foram os familiares (7,85%), os amorosos (7,01%), a convivência com colegas de trabalho (2,12%) e com o chefe (1,58%).

"Os brasileiros estão confusos em relação ao papel de cada um na família. Os valores mudaram e faltam limites. Os adolescentes não sabem mais o que é normal e o que não é. Isso tudo complica os relacionamentos e faz sofrer", diz Marilda. Dificuldades de relacionamento em casa afetam mais a autoestima e a segurança que os problemas no âmbito profissional. "Quando o foco do problema é o trabalho, a pessoa pode tentar deixá-lo lá quando vai embora. Se o que vai mal é a família, tudo fica mais difícil."

Difícil não quer dizer impossível. Sempre há como melhorar as habilidades de comunicação dentro de casa, discutir e rever valores e criar normas de acordo com a visão da família – e não por pressão social. É fundamental empreender um esforço para priorizar uma área da vida que é de suma importância para a saúde emocional e física. Não por acaso, os participantes disseram sofrer de doenças que têm forte relação com o estresse, como hipertensão, asma, gastrite, depressão, ansiedade e doença do pânico. Outros dados interessantes:

- 34% sentiam que o nível de estresse estava extremo no momento da pesquisa
- 37% relataram que o nível de estresse era maior em abril que no ano anterior
- 63% fazem atividade física para aliviar o estresse – o que é ótimo!
- 53% comem para aliviar o estresse – o que é péssimo!
- 75% conversam com amigos ou familiares para aliviar o estresse

"Se conversar com familiares e amigos é a primeira estratégia e as relações interpessoais estão conturbadas, a pessoa fica sem apoio", diz a pesquisadora. Outras estratégias podem ser cultivadas. Marilda sugere quatro pilares de combate ao estresse. Os três primeiros aliviam sintomas e dão sensação de bem-estar. O quarto pode debelar a pressão excessiva, aquela que compromete a saúde.

1) Mexer o corpo

Descubra a atividade física que você gosta. Se não pode pagar uma academia, encontre outra forma de praticar exercícios. Caminhar, correr, pular corda, jogar futebol não custa nada – ou muito pouco.

2) Relaxar

Cada pessoa relaxa a sua maneira. Se você relaxa depois de praticar ioga, ótimo. Se relaxa assistindo à TV, ótimo também. Não há uma receita única. O importante é reservar 20 minutos diários para descontrair e esvaziar a cabeça. Praticar respiração profunda várias vezes ao dia é uma boa estratégia. Não custa nada, é rápido e oxigena o cérebro. Marilda ensina como fazer isso no livro "Relaxamento para todos".

3) Comer bem

Habitue-se a comer de forma equilibrada. Adote uma alimentação rica em frutas, legumes e verduras. Em momentos de muita tensão, usamos os nutrientes para lidar com tudo o que nos ameaça.

4) Fazer terapia

Se não puder pagar um psicólogo, reflita sobre o que é prioritário e vida de acordo com essas prioridades. Respeite seus limites e aprenda a dizer "não". Procure ter uma visão positiva da vida. Nem sempre o que nos faz sofrer são os acontecimentos em si, mas a leitura que fazemos deles. Tudo isso parece autoajuda e, de fato, é. Ninguém melhor do que você para ajudá-lo a se relacionar e viver melhor.

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Agosto de 2013.**

O "soft power" da Copa (MARTA SUPLICY)



TODO PAÍS que recebe uma Copa tem que encarar três desafios: ter ótimos estádios, construir um legado material em infraestrutura e apresentar a identidade cultural de seu povo. Se conseguir levar a taça, é a consagração.

Enfrentando as mais diversas dificuldades, os estádios no Brasil já estão quase todos prontos. Eu só fui a um jogo da Copa das Confederações, no estádio Mané Garrincha, em Brasília. Fiquei impressionada não só com a beleza arquitetônica, mas com o novo projeto de arquibancadas: você se sente dentro do gramado, mesmo em lugar distante. Sem falar em escadas rolantes e telões em corredores.

Visitei a arena do Corinthians, o Itaquerão. É fabuloso. A maior novidade será um telão gigante do lado de fora abarcando toda uma lateral do estádio --que não é redondo. Moderníssimo, gramado plantado, mármore preto e branco. A região da zona leste onde ele se encontra está um canteiro de obras.

O impacto na economia local vai ser grande e o legado de infraestrutura para a cidade-sede vai depender do planejamento e recursos de cada prefeito. Acredito que a exposição de um país durante os dias de uma Copa seja uma oportunidade única para o incremento da imagem que queremos oferecer e para a melhoria do nosso "soft power".

São bilhões de telespectadores acompanhando os jogos, além de programas televisivos antes da Copa que se abrem e exibem o país que a sedia. Em termos de publicidade, seria algo que não teríamos condição ou prioridade para investir. Ter valido a pena o investimento,

ou não, vai depender da nossa capacidade de mostrar um Brasil eficiente e culturalmente diverso.

Com maior ou menor uso, os estádios vão permanecer. Alguns serão usados também para outras atividades. No país do futebol, é muito bom saber que, depois de 63 anos, o Maracanã ficou um estádio moderno. Poderíamos ter construído hospitais ou mais metrô? Certamente. Mas, não se constrói um país de forma linear, e uma Copa bem conduzida traz ganhos extraordinários, muito maiores do que seu custo.

O Ministério da Cultura fez um trabalho em edital que engloba praticamente todas as linguagens artísticas, com fomentos visando os pequenos e médios produtores. Esperamos acolher todas as regiões do país e propiciar uma forte circulação das linguagens culturais tão diversas e desconhecidas de uma região para outra. Além de apresentar para o exterior um país rico em sua diversidade, essa é uma oportunidade para nós nos conhecermos.

Para o edital de gastronomia, artesanato, design, moda e arquitetura, serão escolhidos um projeto por área para mapear essas expressões nas cinco regiões do Brasil. As informações serão disponibilizadas nas cidades-sede, oferecidas à Infraero para os aeroportos e utilizadas em outros projetos do ministério. A Cultura deixará, além da contribuição para uma identidade cultural mais diversificada do Brasil, um legado material. Foram escolhidos pelas cidades equipamentos culturais ou museus para receber investimento. Como a Fortaleza dos Reis Magos, em Natal, o Museu da República e seu jardim histórico, no Rio, o Pátio de São Pedro, em Recife, entre outros.

A Petrobras entra com expressivos recursos para um legado em museus não contemplados e que estão num raio de visitação dos turistas da Copa, tal como o Museu Imperial de Petrópolis. Levará também acessibilidade (piso tátil, áudio e videoguias) e materiais em mais de um idioma. Nossas ações estão em curso. Agora é esperar que nossos craques brilhem e propiciem muita alegria ao povo brasileiro.

MARTA SUPLYCY é ministra da Cultura. Senadora licenciada (2011-2018), foi prefeita de São Paulo (2001-2004) e ministra do Turismo (2007-2008). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

Quem quer ser um milionário? (LEÃO SERVA)

NA DÉCADA de 1950, diante do congestionamento causado pelos ônibus intermunicipais ao deixarem seus passageiros na avenida Ipiranga, o jovem empreendedor Octavio Frias de Oliveira (1912-2007) lembrou o ditado norte-americano: "If you want to make money, find a need and fill it" -se você quer fazer dinheiro, encontre uma demanda e atenda. Ele respondeu à necessidade criando a rodoviária de São Paulo; ganhou dinheiro, comprou a **Folha** e fez história como seu publisher.

Pois atenção, empreendedores do século 21: a demanda está colocada. Seu nome é mobilidade urbana. Na nossa São Paulo, imensa e fraturada pelo próprio crescimento, o mês de agosto, ano a ano, mostra tudo: as crianças voltam às aulas, os congestionamentos crescem nas ruas. É verdade que centenas de milhares de paulistanos já começam a fugir do carro para se livrar da armadilha diária dos congestionamentos. Os donos de automóvel que, de alguma forma, mudaram a forma de utilizar o veículo chegam a 57%, segundo pesquisa do instituto Ipspe feita para a edição 2013 do guia "Como Viver em São Paulo sem Carro".

Esse índice inclui os que mantêm o uso do automóvel no fim de semana e para ir ao trabalho utilizam transporte coletivo, bicicleta ou mesmo as solas dos sapatos. O ex-dependente do carro é "multimodal", para usar o termo apreciado por consultores de transporte. Mas há uma demanda que segue intocada: a dos pais motorizados que levam seus filhos à porta da escola. São eles que, duas vezes por ano, em março e em agosto, fazem o trânsito da cidade aumentar até 40% em relação ao mês anterior. São milhões de carros cuja circulação se deve primordialmente à função de levar crianças à escola e buscar crianças na escola.

Já há empreendedores faturando com a mitigação dos efeitos do trânsito de São Paulo. Um criou uma moeda virtual e um site para facilitar a carona. Outro implantou o sistema de aluguel de bicicletas, patrocinado por um grande banco. Outro ainda implantou o compartilhamento de carros (ou seja, o aluguel dos veículos por hora). Em poucos anos, praticamente toda a frota de táxis da capital será acessível pela internet.

Recentemente, o criador do site Caronetas.com.br me disse que, enquanto o governo brasileiro insistir em subsidiar a indústria automobilística e o preço da gasolina, inflando os congestionamentos em todo o país, seu negócio com certeza seguirá prosperando. Quem então vai achar a solução que substitua os carros dos pais e mães, garantindo segurança, acolhimento, pontualidade, enfim, a mesma qualidade (e quase o mesmo afeto) para o transporte dos pequenos?

Há experiências bem-sucedidas em outras grandes cidades do mundo. Em Tóquio, por exemplo, ajudar as crianças a chegar em segurança à escola é atribuição compartilhada por todos os cidadãos. Os Estados Unidos nos inundam de filmes em que os ônibus amarelos, cheios de estudantes de todas as idades, são coadjuvantes frequentes das tramas das sessões da tarde. Atenção, empreendedor: a terceira metrópole do planeta tem uma demanda premente, procurando alguém que a atenda. A recompensa, seja financeira ou de outra natureza, tem tudo para ser proporcional. Alguém se habilita?

LEÃO SERVA, 53, ex-secretário de Redação da Folha, é coautor de "Como Viver em SP sem Carro". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

Como baratear rapidamente a tarifa (ODED GRAJEW)

O AUMENTO no valor da tarifa prejudica a competitividade do próprio sistema de transporte coletivo. Num círculo vicioso, o rápido aumento da frota de automóveis particulares provoca: a redução dos passageiros do transporte público, o aumento do custo devido aos congestionamentos e o conseqüente crescimento do valor das passagens.

Nas manifestações recentes ocorridas em todo o país, uma das principais cobranças dos cidadãos e das organizações da sociedade tem como foco o transporte público. As reivindicações por melhora na qualidade dos serviços e redução do preço da passagem para os usuários motivaram os primeiros atos. Entretanto, o desafio que se coloca com urgência é o de

encontrar novas fontes de financiamento para o setor. Hoje, os usuários diretos dos serviços são os principais atingidos pelo alto custo da tarifa.

Nos últimos anos, a adoção de políticas e investimentos que priorizam o transporte privado em detrimento do transporte público gerou um sistemático encarecimento das tarifas. Segundo um estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), as famílias brasileiras 10% mais pobres já gastam 10,7% da renda com transporte público. Já as 10% mais ricas aplicam apenas 0,5% para esse fim. O mesmo trabalho registrou que, entre os brasileiros com menor renda, cerca de 30% não usam o transporte coletivo por falta de dinheiro para pagar a passagem.

O transporte individual motorizado é o principal gerador de acidentes nas cidades. O uso desmedido do carro gera maior poluição atmosférica dos gases do efeito estufa - o que, além de danos ambientais, afeta diretamente a saúde da população. Segundo pesquisa da Rede Nossa São Paulo encomendada ao Ibope, o paulistano perde, em média, 2h30 todos os dias nos congestionamentos. Isso gera perdas econômicas da ordem de R\$ 50 bilhões anuais, segundo cálculos da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A piora nas condições de mobilidade contribui para o quadro de insatisfação com o trânsito. O transporte público coletivo beneficia não apenas os seus usuários diretos, mas toda a população e o ambiente. A Frente Nacional dos Prefeitos (FNP) apresentou recentemente a proposta de municipalização da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico), um imposto sobre a gasolina. A ideia é que a arrecadação desse tributo seja feita em cada município e integralmente investida para baratear a passagem de ônibus em todas as cidades brasileiras. A aplicação dos recursos seria fiscalizada pela sociedade.

Estudos da FGV mostram que um imposto de 50 centavos sobre cada litro da gasolina baratearia a passagem em R\$ 1,20, o que, em São Paulo, passaria de R\$ 3 para R\$ 1,80. Outros estudos demonstram que essa medida seria deflacionária, já que o preço da passagem de ônibus tem um peso maior do que a gasolina no cálculo da inflação. Além disso, seria importante instrumento de promoção da justiça social, já que beneficia diretamente a renda das pessoas que ganham até 12 salários mínimos, ou seja, 78% dos brasileiros.

Pelo acima exposto, por gerar enormes benefícios econômicos, sociais e ambientais à população brasileira, a Rede Nossa São Paulo lança nos próximos dias um abaixo-assinado on-line para receber adesões de organizações e cidadãos em apoio à municipalização da Cide para financiar o transporte público. Baixar o preço das passagens de ônibus em todo o Brasil está nas mãos da presidente e do Congresso Nacional. É só querer!

OED GRAJEW, 69, empresário, é coordenador-geral da Rede Nossa São Paulo, presidente emérito do Instituto Ethos e idealizador do Fórum Social Mundial. Foi presidente da Fundação Abrinq e assessor especial do presidente da República (2003). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

Universidades, não fortalezas (SORAYA SMAILI)



NA MADRUGADA de 2 de agosto, Ricardo Ferreira da Gama, funcionário terceirizado do campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), foi assassinado a tiros, em frente à sua casa, por quatro homens encapuzados.

A reitoria da Unifesp lamenta e repudia com veemência mais esse ato de barbárie. Ao mesmo tempo, é obrigada a reconhecer que o assassinato de Ricardo Gama, singular por suas características extremadas, lamentavelmente, não é um caso isolado. A cada dia, situações de violência são vividas por estudantes, funcionários e professores nos seis campi da Unifesp.

Por essa razão, o homicídio recoloca com força um debate necessário sobre a questão da segurança na universidade pública, em geral, e na Unifesp, em particular. A Unifesp foi a universidade que mais cresceu nos últimos seis anos. O número de estudantes de graduação foi multiplicado por oito, distribuído em seis campi situados em São Paulo (onde estão suas escolas mais antigas), Diadema, Guarulhos, Osasco, São José dos Campos e o da Baixada Santista.

Em boa parte, os campi estão localizados em áreas de vulnerabilidade social, e há uma forte razão para isso: a presença da universidade visa também promover o desenvolvimento social do entorno, segundo uma perspectiva de integração entre ambos. Não obstante, a Unifesp sofreu uma diminuição no número de funcionários. A carreira de vigilante foi extinta, e as universidades federais foram obrigadas a terceirizar esse e muitos outros serviços, sem contar com os recursos adequados.

Promover a integração da universidade ao meio em que ela se encontra não significa simplesmente abrir as suas portas para a comunidade. Trata-se, sobretudo, de construir uma reflexão aprofundada sobre a importância que a universidade tem para a sociedade, de modo a conquistar o reconhecimento de sua atividade como relevante para a vida. Nesse processo de construção de abertura e diálogo, a violência cumpre um papel obviamente destruidor e desagregador.

Alguns professores, estudantes e funcionários, alarmados pela violência, querem mais vigilância, catracas, sistemas de câmera em todos os lugares. Se é perfeitamente compreensível que as pessoas queiram se proteger, por outro lado somos obrigados a observar que os crimes contra o patrimônio - todos, obviamente, condenáveis - não podem ser equiparados a agressões físicas e sexuais e até homicídios, como o de Gama. Não se trata de uma observação secundária. Devemos, obviamente, agir com rigor e rapidez contra qualquer ato ilegal. Mas não podemos correr o risco de criar novos problemas - já por si só gravíssimos - mediante a transformação dos campi universitários em fortalezas estreitamente vigiadas.

A multiplicação de câmeras, catracas e sistemas de alarme é contraditória com a concepção de uma vida universitária que preserva a liberdade de cátedra, de manifestação e expressão. Nem representa um fato consumado a proposição segundo a qual a presença de uma polícia fortemente armada e pouco treinada para o ambiente universitário é sinal de segurança. Como, então, devemos tratar a questão? A resposta, evidentemente, não será dada unicamente no âmbito da Unifesp nem sequer pelo conjunto das universidades federais. Trata-se de um problema social. O momento deve nos permitir o debate das ideias, a busca de soluções. O clamor por mais segurança não resolverá, por si só, o problema social nem diminuirá a vulnerabilidade em que nos encontramos. A reitoria da Unifesp propõe o debate para a sua própria comunidade, mas também para a sociedade e autoridades brasileiras.

Precisamos encontrar soluções e caminhos para que não nos enveredemos em discussões comocionadas ou reduzidas, que poderão nos levar a medidas de pouca eficácia. Importante é não colocar em risco o papel de promover a reflexão e o debate de ideias próprio a uma universidade digna desse nome.

SORAYA SMAILI, 50, professora de farmacologia, é reitora da Universidade Federal de São Paulo. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

Uma riqueza a ser protegida (SUZANA PADUA)

EM MEIO à escassez de água em quase todo o planeta, o Brasil tem o privilégio de contar com uma das maiores reservas de água doce do mundo, o aquífero Guarani. Em vez de tratar esse recurso como riqueza a ser protegida, o governo pretende começar uma empreitada que pode, ao contrário, comprometê-lo.

A exploração do gás de xisto atingirá profundamente o aquífero Guarani, sob o qual jaz, a centenas de metros, a rocha a ser fraturada - o folhelho Irati. Localizado sob o solo do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, o aquífero tem 1,1 milhão de quilômetros quadrados e profundidade de 1.500 metros. Tem a capacidade de abastecer milhões de habitantes anualmente com trilhões de metros cúbicos de água doce. Como observa o geólogo Luiz Fernando Scheibe, há grande pressão para que o Brasil, assim como os Estados Unidos, explore o gás de xisto. Existem companhias interessadas na extração e outras, na despoluição da água e das áreas afetadas. O governo brasileiro manifestou intenção de incluir o gás de xisto na matriz energética do país e agendou o primeiro leilão de áreas a serem exploradas para o final de 2013.

Pesquisadores propuseram uma moratória de cinco anos, tempo para realizarem estudos sobre a viabilidade, a sustentabilidade e as consequências ambientais dessa forma de extrair combustíveis fósseis. Mas, afinal, por que a ameaça do gás de xisto é tão assustadora? Sua exploração contamina a água. O xisto se encontra aprisionado em pequenas bolhas de formações rochosas altamente impermeáveis. Diferentemente do gás natural já utilizado e do petróleo, que ocorrem em nichos próprios, o xisto está impregnado na formação geológica. Sua extração tornou-se eficiente devido a avanços tecnológicos. Um deles é conhecido como "fracking". Consiste na fratura da rocha e injeção sob alta pressão de grande quantidade de água, explosivos e substâncias químicas, que podem causar vazamentos. Essa tecnologia baseia-se em processos invasivos da camada geológica, causando impactos ambientais que, embora ainda sejam desconhecidos, podem ser irreversíveis.

A exploração do xisto vem sendo apontada como sucesso tecnológico e econômico nos Estados Unidos. Bilhões de dólares devem ser movimentados, o que pode soar bom para a economia, mas insano para a sustentabilidade ambiental. A atividade, porém, não é unânime. França, Bulgária e alguns Estados norte-americanos proibiram a extração. O Canadá passa por avaliação criteriosa de sua viabilidade.

Existem pactos de cooperação entre os países que compartilham o aquífero Guarani, mas o Brasil não parece se lembrar dos compromissos assumidos. Pretende abrir concessões para a extração do gás de xisto sem nem mesmo consultar a comunidade científica de forma adequada. Prudente seria aprofundar a discussão com os estudiosos do tema para embasar futuras decisões.

SUZANA PADUA, 62, é presidente do IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas e integrante da Rede Folha de Empreendedores Socioambientais. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

De volta ao café (DRAUZIO VARELLA)

A CAFEÍNA é a única droga psicoativa que podemos usar sem o menor sentimento de culpa. Há um ano, fiz essa afirmação nesta coluna depois de ler um artigo do "The New England Journal of Medicine", a revista médica de maior circulação mundial. Semanas atrás, a Folha resumiu um estudo publicado na revista "Mayo Clinic Proceedings" que aponta em outra direção.

Com base nessa aparente contradição, João Luiz Neves, de Curitiba, enviou para o Painel do Leitor a pergunta a mim dirigida: "E agora, doutor, como proceder?". Somos bombardeados diariamente com mensagens de saúde conflitantes. A internet está abarrotada de sites e de e-mails que se propagam feito vírus, para exaltar os benefícios do alho, do limão, da maçã, do tomate orgânico, da berinjela e até da urinoterapia. O risco dessas informações médicas desencontradas é deixar o leitor descrente de todas. Por essa razão, e pela importância do café em nossas vidas, vou comparar as duas pesquisas. O estudo do "New England" foi patrocinado pelos Institutos Nacionais de Saúde, dos Estados Unidos. Nele, foram incluídos 229.119 homens e 173.141 mulheres saudáveis, com idades entre 50 e 71 anos. De acordo com o número de xícaras tomadas diariamente, o grupo foi dividido em dez categorias. Durante os 14 anos de acompanhamento, foram a óbito 33.731 homens e 18.784 mulheres. Depois de eliminar fatores como cigarro (especialmente), sedentarismo e obesidade, ficou claro haver uma relação inversa: quanto mais café, menor o número de mortes.

Além de diminuir a mortalidade geral, tomar café reduziu o número de óbitos por diabetes, doenças cardiorrespiratórias, derrames cerebrais, ferimentos, acidentes e infecções. As mortes por câncer não foram afetadas. O efeito protetor foi diretamente proporcional ao número de xícaras ingeridas diariamente. A diminuição mais acentuada da mortalidade aconteceu no subgrupo de seis xícaras ou mais por dia: redução de 10% nos homens e 15% nas mulheres. Essa associação foi independente da preferência por café descafeinado ou não, sugerindo que a proteção não ocorre por conta da cafeína.

Vamos à publicação da revista da "Mayo Clinic". Durante 17 anos, foram acompanhados 43.727 participantes. Nesse período, ocorreram 2.512 mortes, das quais 32% por doenças cardiovasculares. Comparados com os que não tomavam café, entre os bebedores contumazes do sexo masculino - definidos como aqueles que consumiam diariamente mais de quatro canecas de oito onças (equivalentes a cerca de 240 mililitros) - houve aumento da mortalidade geral. Nas mulheres, não houve diferença estatisticamente significativa. Entre os participantes com menos de 55 anos, no entanto, tomar mais do que as quatro canecas por dia aumentou a mortalidade em 56% entre os homens e 113% entre as mulheres.

Não houve associação entre consumo de café e mortalidade por doenças cardiovasculares. Nesse caso, como relacioná-lo com as mortes por infecções, acidentes automobilísticos ou câncer? Na comparação, o primeiro estudo tem evidências mais confiáveis: incluiu dez vezes mais participantes, acompanhados por período semelhante (14 versus 17 anos), que foram divididos em dez grupos em ordem crescente da quantidade de café ingerido por dia. Todos eles se beneficiaram. No segundo estudo, só tiveram a mortalidade aumentada aqueles que tomavam mais de quatro canecas de 240 mililitros por dia. Ou seja, foi prejudicado apenas quem tomou mais de um litro por dia, durante 17 anos, em média.

É inexplicável porque as mulheres, quando analisadas globalmente, não apresentaram mortalidade mais alta, enquanto no subgrupo com menos de 55 anos o aumento foi de 113%. O problema com ambos os estudos é que são retrospectivos: a decisão de tomar ou não café foi tomada no passado, de acordo com a vontade pessoal. O ideal é que fossem prospectivos, nos quais os participantes seriam acompanhados só depois de sorteados ao acaso para fazer parte do grupo dos abstêmios ou dos tomadores de café. Por razões óbvias, uma pesquisa com essas características jamais será realizada.

Por isso, caro João Luiz, pode tomar seu café sem remorsos. Por via das dúvidas, faça como eu e todas as pessoas de bom senso: evite beber mais do que um litro por dia.

DRAUZIO VARELLA é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro "Estação Carandiru" (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

A beleza doída (FERREIRA GULLAR)

SE A VINDA do papa Francisco ao Rio de Janeiro já foi, por si só, um presente à cidade, o Vaticano procurou ampliar essa dádiva enviando ao Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) uma coleção de obras de seu acervo e de outras instituições italianas que muito dificilmente teríamos a oportunidade de ver fora de lá e, menos ainda, vê-las reunidas no mesmo lugar.

No entanto, durante a visita do papa, um número relativamente pequeno de pessoas foi ver aquela mostra, não só porque preferiu ver o próprio papa e participar dos atos religiosos, realizados em vários pontos da cidade e particularmente na praia de Copacabana, mas também por não ser fácil, naquele período, deslocar-se para certos pontos da cidade e, pior ainda, de certos pontos. Este foi o meu caso, residente em Copacabana, onde se concentrava verdadeira multidão de fiéis que vinham participar das cerimônias. Não eram, claro, 3 milhões de pessoas (já que isso equivaleria a mais de 40 estádios do Maracanã lotados). Mas era gente suficiente para me impedir de sair do bairro. No primeiro domingo, após a partida do papa, porém, fui ao MNBA apreciar as obras-primas ali reunidas. Felizmente, havia um bom número de visitantes, mas não a

multidão que temia encontrar ali. Pude, assim, percorrer as salas da exposição, criteriosamente montada, e viver a experiência única que só a verdadeira arte oferece.

Não havia ali urubus engaiolados, casais nus para constranger os visitantes nem penduricalhos de mau gosto flutuando sobre nossa cabeça. Não, nada disso: havia só pintura, imagens e cenas, criadas pelo talento e o domínio técnico da linguagem pictórica. Foi uma experiência impactante, já que havia anos não via muitas daquelas obras, e nem foi a mesma impressão que me causaram agora. A figura de São Januário decapitado, de Caravaggio - que ainda não tinha visto-, teve sobre mim um impacto poderoso. O jogo de luz e sombra, próprio à linguagem desse pintor, já dramático por si mesmo, neste caso alcança especial dramaticidade.

Mas não só essa obra me atingiu naquela visita. Ainda que de outro modo, as pinturas de Da Vinci, Michelangelo e Ticiano, naquela tarde, na penumbra daquelas salas, atingiram-me, fosse com a sutileza das linhas e dos tons de cor, fosse pela expressão facial do Cristo, do apóstolo Pedro ou da Virgem Maria, a nos passar a sua dor profunda. Até então, não havia me dado conta do sentimento de culpa que envolvia todas aquelas obras, todas aquelas cenas e figuras, como se a alegria, o prazer de viver, não coubesse naquele universo por ser contrário à fé nas palavras de Cristo e uma traição ao martírio a que se submetera para redimir a humanidade do pecado original. Ao terminar o percurso daquelas, e sair do ambiente das salas, senti-me aliviado, pois voltava à normalidade do mundo sem culpa.

E ocorreu que, ao sair da mostra, encontrei-me no hall interno do MNBA, onde estão várias cópias de obras-primas da escultura grega, a começar pela Vitória de Samotrácia. Assim foi que, ao sair do universo sofrido da arte cristã, deparei-me com a arte sem culpa dos escultores helênicos, os quais, ao contrário daqueles, exaltam a beleza e a sensualidade do corpo humano, seja da Vênus de Milo, seja dos atletas que lutam nus, ou de Apolo que exhibe sem pudor a beleza de sua nudez. Enfim, ali estava eu, diante de outra cultura, que não via o corpo humano como origem de nenhum pecado e, sim, pelo contrário, como fonte de felicidade e de prazer.

Curioso é observar que também foi nessa civilização sem culpa que nasceu a filosofia, ou seja, a tentativa de ver a existência como algo que podia ser entendido racionalmente. E foi essa confiança na possível ordem objetiva do mundo que, séculos mais tarde, deu origem à ciência.

Em meio a essas reflexões, lembrei-me de um pintor, Filippo Lippi, que, embora monge, não pintava com culpa, mas para exaltar a beleza tranquila dos santos e do mundo. Não por acaso, fugiu com uma bela noviça e com ela teve um filho, que se tornou pintor como o pai. Viveu e morreu sem culpa, amando a vida e as mulheres. Mais uma razão para saudarmos o papa Francisco, que substituiu a culpa pela solidariedade.

FERREIRA GULLAR é cronista, crítico de arte e poeta. Escreve aos domingos na versão impressa de "Ilustrada". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

O momento da entrevista (JOÃO OLIVEIRA)

Alguns candidatos enxergam o momento da entrevista como um verdadeiro duelo de vida ou morte, o que faz com que eles se tornem atores perfeitos

O MERCADO está oferecendo um bom número de publicações que visam preparar os candidatos para todos os perfis de entrevista na seleção. Dessa forma, seguir modelos pré-estabelecidos pode se transformar em uma armadilha para o selecionador menos experiente. Do outro lado, também encontramos bons livros que oferecem recursos para o entrevistador conseguir extrair o que há de melhor em um candidato.

Ocorre que muitos candidatos veem o momento da entrevista como um duelo de vida ou morte e, para tanto, se preparam usando todas as ferramentas que encontram disponíveis. Assim, certos manuais de conduta ganham espaço e criam o ator perfeito, capaz de responder todos os questionamentos e participar das dinâmicas com absoluta perfeição, tornando-se, pela maquiagem, o colaborador ideal para qualquer cargo na instituição.

O que fazer diante de tal desafio?

Não há muito que se dizer sobre o perfil da entrevista técnica, que busca saber o preparo e a experiência. A certificação e o estado probatório definem essa condição de capacidade laboral. O real problema reside em elaborar a entrevista por competência, visto que o candidato, numa tentativa de ser o melhor possível, pode ser falsamente assertivo em suas respostas.

O REAL PROBLEMA QUE COSTUMA OCORRER DURANTE O PROCESSO RESIDE EM ELABORAR A ENTREVISTA POR COMPETÊNCIA, VISTO QUE O CANDIDATO, NUMA TENTATIVA DE SER O MELHOR POSSÍVEL, PODE DEIXAR DE SER ASSERTIVO EM SUAS RESPOSTAS

Nenhuma pergunta deve ser fechada de modo a permitir uma resposta monossilábica, como sim ou não. O ideal a se conseguir é ter uma linha aberta, mas, ao mesmo tempo, direcionada ao propósito de conseguir emergir o melhor conteúdo possível para que o candidato tenha as melhores oportunidades possíveis na instituição.



Um tipo de pergunta que se deve evitar a todo custo é: "O que você faria em caso de...?" Ou, acredite, tem gente que pergunta isso: "Se você fosse um animal, qual seria?". Este tipo de entrevista não leva à obtenção de respostas construtivas para a avaliação de competências necessárias ao cargo ou execução de determinadas funções. A não ser que a competência buscada seja criatividade, o que nem sempre acontece.

Deve-se manter o foco na habilidade pretendida para o posto disponível na empresa. Provocar o candidato a explicar como solucionou, no passado, situações problemáticas, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. Supondo que seja um perfil onde a habilidade verbal

seja absolutamente necessária, as perguntas devem solicitar que ele apresente soluções (ou não) encontradas no passado para enfrentamento de questões nas quais os recursos verbais foram colocados à prova.

Observe o questionamento: "Diga-me alguns eventos nos quais você, literalmente, ficou sem argumentos. Explique-me aqueles que você considera que tenham sido experiências ruins e os que você considera que tenham sido momentos de aprendizado".

Essa pergunta oferta ao candidato a possibilidade de expor o quanto ele é capaz de ressignificar situações. Nesse caso, não importa se ele se saiu bem em todas as situações e, sim, como ele encara os desafios nas piores circunstâncias que possam aparecer. Criar perguntas dessa natureza permite ao sujeito expor linhas de raciocínio que podem estar encobertas pela neblina da assertividade a todo custo. Somos seres humanos e passíveis de falhas o tempo todo – posso estar cometendo equívocos aqui – e ocultar ou permitir o acobertamento da humanidade que habita em nós é uma das falhas mais comuns em entrevistas de seleção.

A empresa não espera que todos os seus colaboradores tenham sobrevivido à explosão do planeta Krypton. O super-Homem só existe na ficção. Conseguir falar das falhas, e entender isso como uma conquista e superação para seu próprio crescimento, é que faz de nós seres mais preparados em nossas funções.

JOÃO OLIVEIRA é psicólogo, mestre em Cognição e Linguagem, pós-graduado em Hipnose Clínica Hospitalar e Organizacional, em Psicologia Humanista Existencial e em Cultura, Comunicação e Linguagem. Diretor de Cursos do ISEC – Instituto de Psicologia Ser e Crescer. Autor do livro *Saiba quem está à sua frente: análise comportamental pelas expressões faciais e comportamentais* (Editora WAK). **Revista PSIQUE. Agosto de 2013.**

Lucas Rocha